

Crônica do primeiro Braga (1928-1933)

Braga's First Chronicles (1928-1933)

Arthur Vonk

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo | SP | BR

vonkarthur@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2169-4369>

Resumo: O artigo recupera e analisa os primeiros passos de Rubem Braga na imprensa capixaba, de modo a trazer luz nova a um material quase inteiramente desconhecido pela crítica. Para tanto, parte de uma avaliação de conjunto dos mais de 150 artigos por ele publicados nos periódicos *Correio do Sul* e *Vida Capichaba* entre 1928 e 1933. A leitura proposta procura situar as posições e estratégias discursivas experimentadas pelo jovem cronista no contexto da imprensa de província da virada para a década de 1930. Ao fazê-lo, sugere uma caracterização dos índices estilísticos da primeira prosa do autor, que constitui momento de relevo na formação da crônica moderna brasileira.

Palavras-chave: Rubem Braga; crônica moderna brasileira; modernismo.

Abstract: The article revisits and analyzes Rubem Braga's early steps in the Espírito Santo press, seeking to shed new light on material that has remained almost entirely unknown to critics. To this end, it offers a comprehensive assessment of the more than 150 articles he published in the periodicals *Correio do Sul* and *Vida Capichaba* between 1928 and 1933. The proposed reading situates the young columnist's positions and discursive strategies within the context of provincial journalism at the turn of the 1930s. In doing so, the study aims to identify stylistic features of Braga's prose that mark a significant moment in the formation of the modern Brazilian chronicle.

Keywords: Rubem Braga; modern Brazilian chronicle; modernism.



1 Feição do jovem colaborador¹

Duas notas publicadas no bissemanário capixaba *Correio do Sul* circunscrevem os primeiros passos de Rubem Braga na imprensa. A primeira é de dezembro de 1928: “chegou hoje do Rio, tendo terminado brilhantemente seus preparatórios, o nosso jovem e apreciado colaborador Rubem Braga [,] filho do Cel. Francisco Braga” (*Correio do Sul*, 1928, p. 1). Mais de três anos passados, em março de 1932, anuncia a segunda: “Rubem Braga, o nosso jovem conterrâneo, anda fazendo, com sucesso, jornalismo em Belo Horizonte. No *Diário da Tarde*, vespertino moderno e leve que Newton Prates dirige com tanto brilhantismo, Rubem Braga faz entrevistas políticas, comentários sobre assuntos sérios e crônicas sobre assuntos sentimentais” (*Correio do Sul*, 1932, p. 1). Vistas em conjunto, são balizas que conferem data e lugar à sua produção mais remota e desconhecida, e sobretudo contorno e substância a uma experiência social e intelectual particular, ornamentada mas não de todo apagada pelo ânimo exultório das notinhas.

Elas dão parte da passagem do mocinho ginásial ao universitário profissional da imprensa, o primeiro em trânsito entre capital e torrão natal, o segundo estabelecido numa terceira cidade, de modernidade florescente, onde anda com as próprias pernas e parece dispensar a insígnia de filho de coronel. E também o jornalismo de parentela, pois o que a primeira nota não conta, mas todos os leitores de Cachoeiro do Itapemirim saberiam, é que Rubem é irmão mais novo dos diretores do *Correio do Sul*, recém fundado órgão oficial do Partido Republicano do Espírito Santo que, por sua vez, funcionava no pavimento térreo da prefeitura da cidade capixaba (Scolforo, 2019, p.151)². No período compreendido entre as duas notas, muita coisa mudaria para o jovem Braga: além da profissionalização e do desgarramento do círculo familiar, a relativa desprovincianização coincide com a aproximação da forma discursiva (nunca propriamente estável) que praticaria por décadas, e que afinal não é outra senão a da crônica moderna brasileira.

Tudo isso, com idas e vindas e altos e baixos, dá-se a ver na dinâmica da centena e meia de textos que publica no *Correio do Sul*, cuja compreensão se completa ao acrescentarmos os cerca de vinte e cinco que, praticamente no mesmo período, saem em *Vida Capixaba*. Se não é desprezível a tentação de, como até hoje fizeram os estudos acadêmicos, descartar essa produção por tateante e abaixo da crítica, os vetores que a movimentam fazem-na todavia merecedora de atenção. É que a marca que nela imprimem as condições concretas do jornalismo nunca deixará de ter peso na prosa de Braga, e no período em exame se deixa ver de modo especialmente agudo. Tanto mais porque o estremecimento do país entre 1928 e 1933 não só tem implicações severas para o exercício da imprensa como nesta encontra um de seus mais fortes móveis e câmaras de ressonância.

São todas essas razões para que, evitando o descarte sumário, esta apresentação acompanhe os próprios termos em que tal material se desenvolve – o que implica, igualmente, renunciar a uma tipologia estática dos gêneros jornalísticos frequentados pelo cronista em seus anos de aprendizagem. “Colaborando conosco desde o nosso primeiro número, vem Rubem Braga dando provas exuberantes de seu talento privilegiado, quer em crônicas

¹ Este artigo é um dos resultados de pesquisa de pós-doutorado realizada junto ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

² Sobre esse momento da produção de Braga, há informação disponível em Sodré (2021) e Carvalho (2007, p. 72-182).

humorísticas, em comentários políticos, em palestras científicas ou em poesias de uma irônica sentimentalidade” (*Correio do Sul*, 1930, p. 1), lê-se em outra nota do *Correio*, desta feita de janeiro de 1930, publicada em comemoração ao natalício do “jovem acadêmico de direito”. Vem aí sugerida a versatilidade do colaborador, o arco amplo de seus temas e formas, dotado de interesse múltiplo. De um lado, o conhecimento do metiê jornalístico desde dentro, em sua variedade e seus limites, informaria o lugar à parte que ele inventa para sua prosa de jornal; de outro, as diversas funções que a redação de província lhe impõe ajudam a contar a história da imprensa de periferia no momento exato em que no Brasil a ideia de cultura virava a esquina rumo a um enquadramento moderno e menos segregado.

As notas editoriais acima reproduzidas recompõem, com objetividade enviesada mas muito concreta, a rubrica, ou as instruções de palco, a que Braga responde – ou obedece? – ao estrear com quinze anos nas páginas impressas. Quando começa a assinar como autor, o filho de coronel e irmão do diretor de redação é também personagem do periódico no qual colabora; mais do que a laços de sangue, é a interesses políticos e aspirações culturais locais que se atrelam as contribuições nas quais, às vezes na mesma semana, ele se põe a vituperar a Aliança Liberal, versejar sobre o tédio de existir, edificar campanha pelo combate à saúva e improvisar gracejos a propósito dos maiôs no verão de Marataízes. Egresso das elites locais, enviado para cumprir sua formação e caçar algum prestígio nos centros do país, o polígrafo precoce reúne em si atributos diversos. Crônicas humorísticas, comentário político, epigramas irônico-sentimentais, palestras científicas: é como se a ele coubesse dar conta de uma demanda de trabalho intelectual a que o meio letrado de Cachoeiro do Itapemirim, por pouco diferenciado, não conseguia atender. A um só tempo, portanto, pau para toda obra e literato prodígio de uma oligarquia de segunda importância.

No entanto, embora pautado pela variedade das solicitações do jornal, o trabalho no *Correio* e em *Vida Capichaba* apresenta alguma unidade, depositada no exercício progressivo de uma voz pessoal: a hipótese a sugerir aposta na elaboração, passo a passo, de um ângulo próprio, através do qual o prosador acolhe e metaboliza as funções impostas pelo veículo impresso. Variações amplas e desiguais de andamento, registro, tonalidade e matéria constituem, nesse sentido, o índice estilístico do processo de conformação do primeiríssimo Braga às demandas do jornalismo, em relação às quais sua dicção, após experimentá-las todas, acabará por se distinguir em chave de conflito e tensão.

2 Pleitos de ideólogo aprendiz

O leitor habituado ao idioma coletivo da crônica moderna brasileira reconhece com dificuldade seu maior artífice na celebração oficialista da terra natal, “vanguarda dos estados brasileiros”, “frequentemente em foco aqui no Rio” (Braga, 1929e, p.1); na louvação do “progresso vertiginoso” de São Paulo, “vantajosamente comparável ao de qualquer outro estado ianque ou europeu” (Braga, 1929c, p. 1); ou no silogismo que descarta as mobilizações comunistas no Brasil porque “essa mal arranjada cópia do barbarismo russo” seria “artificial e grotesca aqui, (...) ante esta Natureza sorridente e satisfeita, vibrante de Sol e de festas” (Braga, 1928a, p. 1). Para essa espécie de ideólogo aprendiz, amigo de maiúsculas e adjetivos abundantes, o ensino primário deve ser meio de “dinamização das energias morais que o analfabetismo abafa e inutiliza” (Braga, 1929a, p.1); cumpre ao Estado “construir asilo para os menores aban-

donados”, pois “o interesse de nossa sociedade é que (...) se transformem em homens úteis, trabalhadores” (Braga, 1929d, p.1); e a moradia, por sua vez, deve ser garantida ao operário e ao lavrador dado que “o sentimento da propriedade dignifica o homem e consolida a família”. “Não pode haver progresso onde não haja ordem”, argumenta ele, contra a Revolução pregada pela Aliança Liberal, não sem atestar que o nosso povo “ama a lei e crê na sua força como poucos povos creem” (Braga, 1930j, p. 1). Extraídos de uma extensa série de artigos de opinião publicados no *Correio do Sul*, os poucos exemplos põe em evidência a articulação estreita entre os interesses de uma classe, o projeto de um jornal e os pleitos do redator debutante que a eles atende como um intelectual orgânico mirim. Mas a reconstituição dos debates em pauta, que porventura serviria à história da crise da Primeira República, é de menos interesse aqui do que a empostação e a gravitação social das formulações, declamadas pelo ator delas incumbidas como se, testando os pulmões, ele mimetizasse a cena de um debate a que na remota Cachoeiro talvez faltasse amplificação.

De fato, o trânsito entre o torrão natal e o magnetismo da capital do país movimenta desde cedo sua imaginação. Dele talvez o melhor exemplo seja a elevação descalibrada à tribuna da qual, no contexto da crise do câmbio sob Washington Luiz, o estudante de dezessete anos assevera: “as glórias do jornalismo brasileiro que escrevem no *O Jornal*, no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Comércio* afirmam diariamente, com a perfeita consciência do que fazem, as mais descabeladas e imundas mentiras” (Braga, 1930b, p. 1). A pretensão da denúncia é, para dizer o mínimo, desmedida. No entanto, se falta calibragem à contenda encenada com os principais jornais do país à época (adversários dos então chefes capixabas, por sua vez sócios menores do arranjo de poder paulista), o gradiente polemista revela algo da situação que alça Braga a tribuno grandiloquente. Na mesma coluna, ele fará profissão de fé do convencionalismo: a função da imprensa é “divulgar as boas ideias e orientar os leitores. (...) Apenas quero ser útil, difundindo os ensinamentos da ciência e propagando a palavra do bom senso” (Braga, 1930b, p. 1). O paradoxo entre esta ponderação e as linhas anteriores é evidente; o mesmo vale para a reivindicação de compostura por parte do redator pródigo em botes como o destinado ao “cinismo de Antonio Carlos, a megalomania de João Pessoa e a ingenuidade ambiciosa de Getúlio Vargas, Bernardes, Epitácio Pessoa, e mais alguns” (Braga, 1930i, p. 1).

De todo modo, além da inconsistência esperada de um amador, essa prosa de segunda mão, coalhada de brados retumbantes, ajuda a ver os gestos a que o enquadramento da imprensa paroquial convida seu articulista residente. “Trabalho”, “ordem”, “progresso”, “propriedade”: se o acalorado apóstolo do bom senso está longe de esconder suas bandeiras, um de seus méritos, que destoa um tanto da mediania do *Correio do Sul*, é levar aos extremos a circunstância em questão. Caso exemplar, que se prestaria ao anedotário político, é o compromisso encarniado com a situação vigente. “Está definitivamente afastado o fantasma da revolução, eleito o candidato do povo, estabelecido um ambiente de ordem e legalidade. A tormenta passou. Foi rude. Foi medonha” (Braga, 1930h, p. 1), decreta Braga numa toada que se repetiria até, logo adiante, ser desmentida na prática, com o empastelamento do *Correio* no rescaldo imediato do golpe de outubro de 1930.³ Se o jovem colaborador parece de fato exercer um mandato avesso a mudanças, sua fraseologia carrega certo interesse justamente

³ O veículo voltaria a ser publicado em fins de janeiro do ano seguinte, com editorial que dá por “encerrado o debate sobre opiniões políticas que o passado levou” e convoca “as energias cívicas dos homens de boa vontade para serviço do Brasil”. (*Correio do Sul*, 1931, p.1).

por explicitar tanto seus pleitos como as estratégias retóricas para arrimá-los. O que não o põe a salvo de contradições, porquanto sua crítica à retórica balofa é ela mesma inchada e palavrosa, como quando se trata de decretar em clave oratória “o descrédito definitivo da oratória política”, dos “grandes arroubos patrióticos dos liberais de última ocasião”, da “verborragia flamante e as promessas sonoras e solenes” (Braga, 1929b, p. 1). A quem preza a escrita antifascista que ele praticaria no meio do decênio ocorra talvez imaginar que a fase por volta de 1930 tenha servido como um curso de imersão em eloquência conservadora. Ou, quem sabe, um precoce e não-intencional treinamento junto aos cães de guarda da ordem estabelecida. Fenômeno singular de radicalização antioligárquica por meio da atividade na imprensa, o arco entre esse estágio inicial e a crônica de agitprop inventada pelo autor poucos anos depois é um *tour de force* na história da cultura política brasileira, que merece consideração a parte.⁴

Por ora, convém apenas argumentar que os arroubos verbais do primeiro Braga dão nitidez ao encadeamento entre as causas da oligarquia e a situação social do cronista. Tudo se passa como se os temas de que o *Correio do Sul* o incumbia fossem já *atitudes discursivas*. Por outra, as pautas que o cronista assume constituem de saída *gestos diante do jornal*, os quais, por sua vez, implicam e fazem desenvolver formas de escrever. Para trocar a hipótese em miúdos, entretanto, há antes que entender como a pena de bacharel dos “comentários políticos” põe em marcha também “crônicas humorísticas”.

3 Trabalho de férias

Sob o fundo do debate entre prestistas e aliancistas, em meados de 1930, Braga defende-se de acusações de frivolidade movidas por outro colunista do *Correio*:

Você diz que durante a luta política eu me deixei ficar docemente na praia, escrevendo asneiras sob a sombra amável das musáceas, para depois aparecer na cidade, decidido, para escrever um artigo de vitória sobre o título da Aliança. É o seguinte. (...) fabriquei uma série enorme de artigos. Analisei, embora possivelmente sem agudeza, a falecida Aliança em todos os lados e aspectos. Essa insistência, segundo o testemunho unânime dos amigos, chegou a ser cacete... Muitas vezes eu escrevi um artigo político – até dois! – assinando por R ou sem assinatura nenhuma, ao lado de um ‘Correio Maratimba’. E logo que regressei da praia, o que se deu muito antes das eleições, avivei ainda mais a campanha (Braga, 1930k, p. 1).

Malgrado o brio com que rebate a pecha de jornalista pueril, a autojustificativa admite com clareza a divisão do trabalho intelectual de Braga nas páginas do veículo. Repleta de pessoalidade e sabor de rixa paroquial, a prestação de contas que munícia esse contra-ataque confirma, à revelia, o vai-e-vem de um redator entre “luta política” e “asneiras”. A primeira, não raro, aparecia sob a coluna com a rubrica “Cartas do Rio”, e a segunda, classificada como “Correio Maratimba”, era despachada, nos meses de equinócio, do balneário de Maratáizes, onde veraneavam a família Braga e boa parte dos cachoeirenses com recursos. O epíteto “maratimba” – atribuído de praxe a matutos, roceiros, caipiras, e de modo geral aos despidos

⁴ A esse respeito, ver Vonk (2021, p. 133-170).

de instrução e traquejo social – marca de saída a disposição a fazer do pitoresco de cidadinha um motivo da coluna de férias.

Lá assentado, o bacharel eloquente ensaia trocar de vestes, afinal “a manhã adolescente é linda e sensual como um poema de Bilac – a praia palpita de veranistas, rumorosa, colorida e alegre” (Braga, 1930c, p. 1). Para captá-la, a prosa procura a duras penas algum tipo de fluidez, compatível com cenas dedicadas a enumerar os costumes do balneário: “senhores idosos critica[m] o preço do peixe”, senhoras idosas, a “má qualidade (...) da empregada”, empregadas, a “má qualidade da patroa”, “os rapazes falam mal das pequenas, e vice-versa” (Braga, 1930c, p. 1). Menos Rui Barbosa e mais João do Rio, poder-se-ia dizer, embora a mundanidade do último, forjada na vertigem das ruas cariocas, não case bem com a matéria maratimba. Esta, de um lado, suscita laivos de prosa poética, quando o cronista parece ouvir no vento o “fantasma de Vicente de Carvalho (...) por aí recitando: ‘mar belo, mar selvagem’”; e, de outro, modula idealizações ao registrar cantorias e brincadeiras sob a lua que, “lá de cima, ouve tudo sem protestar, passando apenas pelo rosto, de vez em quando, a toalha de uma nuvem” (Braga, 1930e, p. 1). De cambulhada, as crônicas de Marataízes enfileiram queixas contra a companhia ferroviária (“a perfeição absoluta do desleixo”), noticiam um acidente de automóvel, registram as picadas do marimbondo tapiocaba, zombam do aleijado que pede esmolas por aí. “Uma pequena nota para a rapaziada: há grande quantidade disponível de material *flirteante*...” (Braga, 1930d, p. 1), anuncia o cronista à procura de uma dicção que se equilibre entre a conversa interiorana de papo para o ar e a malícia cosmopolita aprendida na Rua do Ouvidor.

4 Pequeno palhaço sem assunto

Mais afeitos ao rés do chão e à linguagem mesclada, os textos de “Correio Maratimba” dão condições para que Braga faça da coluna um instrumento de descoberta e calibragem de seu prosaísmo. Se os temas graves da atualidade política o convidam a imaginar uma arena aberta ao combate, a caça ao assunto de veraneio permite que o cronista comece a se perceber como tal. “E esse vento sul foi a maior novidade da semana cheia de monotonia” (Braga, 1930g, p. 1), diz ele em fevereiro de 1930, numa indagação embrionária a propósito da matéria de que se faz uma crônica; um mês antes, com sinal trocado, é o cronista que se confessa jornalista em sueto, pondo em jogo um germe de seu *esprit* contrafeito: “(...) certas músicas evocam cada temporada. Se a minha memória não estivesse em férias eu poderia lembrar algumas dessas músicas. Mas está, e eu não lembro” (Braga, 1930f, p. 1). A falta de assunto, como se sabe, é talvez o grande assunto da crônica brasileira, do qual, de Alencar e Machado a Drummond e Lispector, cada sotaque obtém rendimento próprio. Ao bosquejar o seu, o jornalista a passeio começa a experimentar a abordagem e o tom adequados à situação discursiva que lhe é constitutiva, entre trabalho e improviso, entre jornalismo e literatura, entre seriedade e gracejo, entre notícia e não-notícia: “E é assim que em Marataízes a gente se equilibra sobre a corda bamba da falta de assunto” (Braga, 1930c, p. 1).

Mas, na verdade, um sobrevoo mais atento encontra lances de espírito sobre o gênero em momentos ainda mais remotos da prosa do autor. Em 1928, no *finale* de uma ode ao Itabira, formação rochosa símbolo de Cachoeiro do Itapemirim, os termos de louvor e exaltação sofrem uma relativização que desloca tom e propósito do artigo. Como uma piscadela que derrubasse a quarta parede de um espetáculo, o fecho lembra a seu público que, entre

outras funções, o cronista está ali para preencher papel com linotipos: “você, Itabira, com a sua imutável camaradagem[,] é um ótimo assunto para que[m] não tem assunto...” (Braga, 1928c, p. 1). Tirada análoga é publicada poucos dias depois, quando o cronista atira à cara do leitor sua afinidade com a mera roda de palpites: “O feminismo é um bom assunto. E eu, como toda a gente, também gosto de dar a minha opinião sobre o feminismo. A volúpia das opiniões...” (Braga, 1928b, p. 1). Questão afim é trabalhada quando se trata de atualizar outro lugar comum da crônica brasileira, a passagem das estações: “Toda a gente sabe que o verão está disfarçado em primavera. (...) Não parece haver por aqui muito poeta disposto a cantar as flores e as graças da ‘ridenta quadra’ do ano” (Braga, 1929f, p. 1), afirma o cronista – ele, sim, pronto e disposto a preencher linhas glosando as variações climáticas.

Se o problema do estatuto da crônica e da condição rebaixada do redator se aprofundaria nos anos seguintes, encontrando em Braga o tratamento mais consequente em nossa tradição, dois últimos exemplos ajudam a ver que ele anteviu a questão desde os primeiros passos. Um dos procedimentos que herda de predecessores e leva adiante com originalidade consiste em entender que a crônica difere da notícia por não tratar diretamente o fato jornalístico, mas observá-lo em suas refrações e ecos. Resulta a emergência de uma voz pessoal que cava liberdade em relação às convenções da imprensa, conferindo centralidade aos gestos, afetações, peculiaridades, humores daquele que escreve:

A desobediência civil dos indianos, fascinados por Gandhi, às exigências do fisco inglês está provocando os incidentes mais curiosos que têm reclamado a atenção universal. A Índia aparece, de repente, como uma fonte de novidade e de coisas interessantes para o leitor de jornais, cansado das encrencas da Rússia ou dos eternos “casos” da América do Norte. No *Correio do Sul* o professor José Xavier, que é seu observador diplomático, chegou a fazer um artigo exaltado contra a Inglaterra... O fato é que as coisas mais deliciosas que os jornais cariocas nos trazem estão nos telegramas de Bombaim (Braga, 1930a, p. 1).

Embora ainda singelos, os movimentos dessas linhas já carregam algo do apreço do jovem Braga pelo desacato. Qual seria propriamente a pauta do artigo? É a sua tonalidade ligeira adequada à luta civil que se desenrola no outro canto do globo? E a referência à “atenção universal” do leitorado, não parece a um tempo reconhecer a comoção pública e pôr-se de lado em relação a ela? “Novidade” e “coisas interessantes” configuram categorias à altura dos eventos que definem o rumo do mundo? Emparelhá-los assim, como quem muda de roupa, não consiste em algum tipo de profanação da seriedade do próprio noticiário?

Haverá algum eco da lição machadiana na liberdade de gestos, na indiferença afetada, no jogo de cena através dos quais o jornalista de Cachoeiro manipula assuntos de importância e ressonância globais com ar de quem joga conversa fora. E mais: fazendo-o de modo a expor as mediações pouco enaltecidas entre a crise da Índia, a sede por notícias e a magra coluna de um jornalzinho brasileiro. Acaba por se armar um insuspeitado circuito Bombaim-Londres-Rio-de-Janeiro-Cachoeiro-do-Itapemirim, como se a explicitar as desproporções e denunciar, zombeteiramente, a afinidade entre a compulsão jornalística por novidades e o andamento da moda ou, no limite, da mercadoria. Seria exagero afirmar que tudo isso está propriamente formalizado na crônica em questão, que todavia promete consequências e resultados que a prosa ardida do autor de *O conde e o passarinho* não tardaria a alcançar. Por agora, o esboço de dicção capciosa basta como indício do questionamento da posição do cronista diante de seus

assuntos. Já em andamento nos primeiros tempos no *Correio do Sul*, o rendimento de tal atitude é, de início, bastante irregular, e por vezes dilui em amenidades seu potencial de tensão e confronto. É o caso de outro artigo que condensa e explicita a pauta da falta de assunto:

... Eu podia falar sobre o câmbio, o sobre o café, ou sobre um homem velho que um dia destes pulou de uma barca da Cantareira, ou sobre a morte de Lon Chaney...
... Era tão fácil, era tão bom escrever este comentário sobre uma coisa assim... A gente apanha a pena e vai escrevendo, às vezes com sinceridade, às vezes com delicadeza, escrevendo por escrever...
... Eu podia traçar alguma coisa banal, que se lê e não se guarda, e nem se lembra mais...
... Eu podia – e era tão fácil! – fazer um comentário à toa, que a gente mesmo esquece, a gente que o escreveu num momento... (Braga, 1930l, p. 1).

Certa ideia do que viria a ser a crônica moderna abastece a lista de possíveis temas e tons cuja justaposição estrutura a exposição; na grande variedade de assuntos e modelos de escrita aventados, é chamado pelo nome algo do descompromisso do cronista, da labilidade de sua pena, da aparente espontaneidade de sua produção verbal. Não é pouco, sobretudo para um iniciante, mas há que observar que a forma mesma dessa consideração ligeira de possibilidades formais atenua a radicalidade do achado: a proliferação de reticências, que aliás intitulam o texto, a estrutura anafórica, de andamento vizinho ao do poema em prosa, o comedimento de tom lhe dão gosto penumbista, afinal endossado pela derradeira interrogativa, coalhada de sentimentalismo, que põe as dúvidas e hesitações do cronista na cota de um romantismo do indizível: “... Para que dizer o que não sinto, quando eu sinto tanta coisa, tanta coisa que não posso dizer?...” (Braga, 1930l, p. 1).

Seja como for, dá-se aí o nascimento da figura autocrítica e irritada da qual a derrisão de Braga tiraria consequências prodigiosas. Não por acaso, seu último texto a sair no *Correio do Sul* pertence à família dos que põem o cronista em cena. Embora vazada em tom elevado, a dramatização interroga suas atitudes, assuntos e compromissos com mais exaspero do que entusiasmo:

Pequeno burguês, cadê a tua revolta antiga? Foi uma febre, passou. Te entregaste outra vez à volúpia de todas as covardias. Estás rodeado pela vida e nem o silêncio te fará entrar em si mesmo. Amigo, teu coração é burguês. Esqueceu a fantasia das atitudes desesperadas. Aquilo foi uma brincadeira, não foi? (...) O desespero se desmanchou em inquietude morna, vazia, tonta, desorientada, inútil. Fala, pequeno palhaço sem graça da vida, fala alguma coisa em tua defesa (Braga, 1932a, p. 1).

5 Sensibilidade moderna e irritada

As páginas de *Vida Capichaba*, “revista moderna ilustrada” editada semanalmente em Vitória, representam um passo a mais na desprovincianização de Braga, que nelas publica 24 textos entre março de 1930 e junho de 1933. Embora coetânea, tal produção se distingue daquela veiculada no jornal de Cachoeiro do Itapemirim. Público, padrão gráfico e projeto editorial são outros, mas talvez seja sobretudo a ausência de um vínculo – ou atrito – mais direto com as funções convencionais do jornalista o fator a determinar a especificidade do que ele apre-

senta na revista da capital de seu estado. Se o modelo da publicação bebe na fonte carioca de *Fon-Fon* e *O Malho*, que faziam sensação, a resposta do cronista, desta feita nitidamente afastado da política imediata, é passear pela órbita da cultura e dos costumes. Experimenta aforismos à moda dos escritores do Rio, arrisca uma polêmica interessada na teoria freudiana do inconsciente, outra a favor do amor livre, e dá sinais de uma nova gravitação intelectual. Enquanto no *Correio do Sul* vira-e-mexe mencionava Bilac e Oliveira Vianna e condenava a Antropofagia, agora, estabelecido em Belo Horizonte e diante de leitores supostamente menos provincianos, admite, de passagem, interesse pelo modernismo de Manuel Bandeira e Jorge de Lima. Capturado talvez pela normalização das conquistas do movimento iniciado em 1922, dedica uma página espirituosa ao elogio torto – e em alguma medida drummondiano – da poesia de Drummond, “homem antipático”, autor de “versos feios, tristes, medíocres, sem ritmo, sem vibração, quase sem poesia”: “bebida que se acostuma para sempre a beber. Às vezes é ambrosia, às vezes absinto, às vezes cachaça” (Braga, 1933, p. 3).

De maiores consequências, outra mudança de gravitação é ensaiada: o pendor literário de *Vida Capichaba* parece valer como permissão ou estímulo à exploração de estados de ânimo, em textos que ora se propõem ao diagnóstico da mocidade contemporânea, ora emulam a prosa poética que fazia sucesso nas revistas da capital do país. O objeto-alvo pode ser, por exemplo, o convencionalismo reinante no meio literário, feito de vaidade e gloriólas:

Oh! A vergonha que me inspiram essas cooperativas de elogio mútuo que proliferam por aí. Não existirá no animal humano a consciência do ridículo?

Deuses eternos que vos divertis com as tolices humanas – desencadeias sobre os homens a fúria sagrada de vossos espíritos. Uma chuva de paralelepípedos, por exemplo, seria ótima. Uma tempestade de cangalhas, magnífica (Braga, 1931b, p. 15).

Ou, ainda, as manias artísticas oitocentistas, como a praga da ironia, herança maldita a sepultar:

O nosso primeiro trabalho é saltar sobre as pilhas de volumes de Anatole, Wilde, Eça e Machado para pisar a terra firme da vida – dessa vida que pretendemos viver assim como na verdade ela é, sem as camuflagens ingênuas do romantismo nem as reticências amargas da ironia (Braga, 1931d, p. 15).

São exemplos de como a disposição ao confronto se redireciona quando o cronista, desalojado da arena polemista garantida pelo atrito com a notícia, é encaminhado para outro *front*. O desvio o levará a fazer da escrita tema e problema, pondo em teste uma linguagem que adentra os veios da confissão:

Esta mania de viver por curiosidade; de sofrer por esporte; de rir por absurdo; de contrariar a vida por excesso de tédio, eu também aprendi com os outros. (...) Estas paixões efêmeras por umas sobrancelhas, por um jeito de andar, por um modo de fazer silêncio, foi um poeta qualquer que me ensinou. São requintes importados de outros nervos, de outros olhos, de outra carne. (...) Nestas linhas que escrevo vou procurando, ferozmente, e vou achando, com tristeza, o plágio inconsciente e estúpido de outras ideias, a vibração de outros nervos. É o mal de escrever (Braga, 1932b, p. 18).

A guinada de registro, como se vê, não vai sem alguma afetação estetizante, de par com o temperamento sentencioso empenhado em se pôr à altura do tema grave. Ainda aqui, entretanto, trata-se menos de resultado do que de movimento e pesquisa de linguagem. É o que fica evidente ao notarmos que, bulindo com o espectro das coisas do espírito, Braga testa as águas de uma técnica que teria vida longa, a de composição de cenas em primeira pessoa, enunciadas com o páthos do tempo presente e em atmosfera saturada de tensão, expectativa, exaspero. Tais procedimentos são dos mais produtivos para a sedimentação de sua voz, e deles é possível encontrar pistas já em 1931:

A esta hora os cinemas estão cheios, a Avenida está cheia e eu me acho vazio, ferozmente sentado na cadeira em frente à mesinha do meu quarto de minha pensão barata, mesinha coberta por um pano onde há incríveis rosas azuis, vermelhas e amarelas que estou enjoado de ver. Não penso nada, não leio nada, não desejo nada, não faço nada. Lá fora a vida rola, a lua exhibe-se toda nua, parisiense nua, e o céu está limpo e belo talvez sobre a cidade que brilha em cima das montanhas (Braga, 1931c, p. 23).

Em casos como este, a disposição conflitiva, constitutiva já dos primeiros comentários políticos do jovem redator, é redirecionada e passa a ter em mira a posição do próprio sujeito que escreve. Na falta de uma tribuna impressa, seus jatos discursivos passam a abastecer novos ritmos e estilo, a convergir para a configuração de estados de crise e tensão, no centro dos quais pulsa a condição de prosador de jornal. Por isso mesmo a composição de *cenas de escrita* conta tanto para a definição da fisionomia do jovem Braga: não se trata de temário, tampouco de metalinguagem, mas da edificação de uma forma de crônica determinada pela figuração, direta ou indireta, das circunstâncias mesmas de produção jornalístico-literária. Detentor da palavra, o sujeito configurado nessa operação constitui, por sua vez, mais que ocorrência autobiográfica: ele indicia um ângulo de observação, ou um princípio fundamental de formalização desses registros que emergem sob uma sensibilidade de tipo próprio, aguçada e arisca. Em seu ânimo do contra, eles acolhem variados registros de humor e de gravidade. Embora a qualificação soe forçada diante de produção tão espontânea e tateante, estamos no domínio da literatura moderna: o vazio de existir se materializa no ódio pela toalha de mesa, e as imprecações contra a falsa glória literária podem ser gatilho para uma chuva de paralelepípedos ou uma tempestade de cangalhas. A cena do escriba solitário na noite vazia, por sua vez, pode encontrar um par na reação a um retrato de mocinha publicado na coluna social:

Moça, logo de saída me desculpe por esta carta não estar lá no fim da revista, na *Correspondência Elegante*. É que sou um rapaz como qualquer outro, um pequeno burguês que anda beirando os dezenove e que se sentiria muito desajeitado entre os condes e as princesinhas demasiado *chics* da *Correspondência*. (...) Ainda ontem de tardinha, vagabundeando pela Praça da Liberdade eu assisti a um crepúsculo, um certo crepúsculo esbranquiçado e sereno, que adormece atrás das árvores magras e tristes de um morro distante. Não sei se foi a expressão daquelas pequenas árvores tão humanas, nem se foi a sugestão das grandes rosas pensativas e exageradas que o crepúsculo coloria na Praça, nem se a cantilena dos sinos da Lourdes e da Boa Viagem. Eu sei apenas que me sentei num banco e fiquei pensando, pensando no crepúsculo de minha terra com uma saudade imperiosa e doente, muito difícil de acontecer dentro do meu temperamento pouco poético (Braga, 1931a, p. 22).

Talvez a sombra de nove décadas que pairou sobre textos como este justifique a transcrição de passagem assim extensa. Ela é feita de quase nada: do ponto de vista jornalístico, não poderia ser maior o contraste entre esse quadro mínimo e as pautas urgentíssimas bradadas nos primeiros tempos do *Correio do Sul*. Ainda assim, o propósito da situação discursiva deve tudo ao enquadramento jornalístico, do qual todavia a meditação do “pequeno burguês beirando os dezenove” se desprende. Ela se vale da ocasião fortuita, ou do que é menos substantivo no jornal – um retratinho galante, digamos – para, na deriva de assunto, fazer irromper uma nova modalidade de linguagem. Paralisando o fluxo das notícias ou os gracejos da seção Correspondência Elegante, a irrupção do cronista conquista direito ao despropósito: trata de medir o insólito do crepúsculo, adjetivar árvores desajeitadas, zombar das rosas do canteiro, flagrar a si mesmo em descompasso com o ritmo da cidade e, no limite, fazer as próprias palavras *vagabundearem* na praça pública.

Não seria descabido especular que foi o “temperamento pouco poético” configurado em textos como esse o primeiro a afinar o idioma coletivo da crônica moderna brasileira.

Referências

- BRAGA, Rubem. O comunismo. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 24 nov. 1928a, p. 1.
- BRAGA, Rubem. O feminismo. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 10 out. 1928b, p. 1.
- BRAGA, Rubem. O Itabira. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 29 set. 1928c, p. 1.
- BRAGA, Rubem. A situação do ensino primário. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 13 abr. 1929a, p. 1.
- BRAGA, Rubem. A sucessão presidencial. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 22 ago. 1929b, p. 1.
- BRAGA, Rubem. Ainda a sucessão presidencial. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 24 ago. 1929c, p. 1.
- BRAGA, Rubem. Educação das crianças pobres. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 23 jun. 1929d, p. 1.
- BRAGA, Rubem. O Espírito Santo no Brasil. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 02 mai. 1929e, p. 1.
- BRAGA, Rubem. Quarenta à sombra.... *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 12 nov. 1929f, p. 1.
- BRAGA, Rubem. A revolta mansa dos Indianos. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 12 abr. 1930a, p. 1.
- BRAGA, Rubem. A situação do câmbio. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 07 ago. 1930b, p. 1.
- BRAGA, Rubem. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 08 dez. 1928, p.1.
- BRAGA, Rubem. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 14 jan. 1930, p. 1.
- BRAGA, Rubem. Correio Maratimba. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 09 jan. 1930c, p. 1.
- BRAGA, Rubem. Correio Maratimba. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 14 jan. 1930d, p. 1.
- BRAGA, Rubem. Correio Maratimba. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 21 jan. 1930e, p. 1.
- BRAGA, Rubem. Correio Maratimba. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 28 jan. 1930f, p. 1.
- BRAGA, Rubem. Correio Maratimba. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 22 fev. 1930g, p. 1.

BRAGA, Rubem. Depois da tormenta. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 06 mai. 1930h, p. 1.

BRAGA, Rubem. Depois da vitória. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 13 mar. 1930i, p. 1.

BRAGA, Rubem. O que o povo quer. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 13 fev. 1930j, p. 1.

BRAGA, Rubem. Respondendo a D. Quixote. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 03 jun. 1930k, p. 1.

BRAGA, Rubem. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 07 ago. 1930l, p. 1.

BRAGA, Rubem. Carta de agradecimento. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 301, 15 nov. 1931a, p. 13. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/cache/288305879328/10010666-1-0-000521-000376-006510-004700.JPG>. Acesso em 20 fev. 2026.

BRAGA, Rubem. Hipocrisia. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 286, 25 jul. 1931b, p. 15. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/cache/288305879328/10010008-1-0-000521-000374-006527-004687.JPG>.

BRAGA, Rubem. Tédio, etc. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 287, 01 ago. 1931c, p. 23. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/cache/288305879328/10010060-1-0-000521-000374-006527-004687.JPG>. Acesso em: 20 fev. 2026.

BRAGA, Rubem. O último pecado do defunto século XIX. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 300, 27 nov. 1931d, p. 15. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/cache/288305879328/10010624-1-0-000521-000368-006510-004592.JPG>. Acesso em: 20 fev. 2026.

BRAGA, Rubem. Fala, pequeno palhaço.... *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 27 abr. 1932a, p. 1.

BRAGA, Rubem. O mal de escrever. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 312, 15 mar. 1932b, p. 18. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/cache/288305879328/10011079-1-0-000521-000374-006489-004653.JPG>. Acesso em: 20 fev. 2026.

BRAGA, Rubem. Reflexões sobre o anjo torto. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 333, 30 jan. 1933, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/cache/288305879328/10011947-1-0-000521-000348-005859-003917.JPG>. Acesso em: 20 fev. 2026.

CARVALHO, Marco Antonio, *Um cigano fazendeiro do ar*. São Paulo: Globo, 2007.

O nosso reaparecimento. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 21 jan. 1931, p. 1.

SCOLFORO, Jória Motta. Arquivo Público recebe coleção do jornal “Correio do Sul”. *Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo*, v. 3, n. 5, p. 151, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/revapees/article/view/32295>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SODRÉ, Paulo Roberto. As colaborações de Rubem Braga na *Vida Capichaba*, nos anos 1930. *Fernão*, Vitória, ano 3, n. 5, jan./jun. 2021, p. 267-300. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/fernao/article/view/35798/23494>. Acesso em: 30. nov. 2024.

Uma crônica e um suêto de Rubem Braga. *Correio do Sul*, Cachoeiro do Itapemirim, 13 abr. 1932, p. 1.

VONK, Arthur Vergueiro. *Literatura conflagrada: Jorge Amado, Rubem Braga e Carlos Drummond de Andrade na trincheira dos anos 1930*. 2021.333f. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2021.